

Índice

1 O crepúsculo dos deuses	9
2 Pode afirmar-se o mundo?	30
3 A verdadeira heresia: a gnose	61
4 Mais perto de mim do que eu mesmo	97
5 O bastardo de Deus: a cesura Jesus	154
6 Melhorar o ser humano	182
7 Épocas da animação	198
8 Latência	222
9 O imperativo místico	232
10 Imperativo absoluto e categórico	257
11 Notícias sobre a vontade de acreditar	264
12 Oportunidades no monstruoso	284
Nota editorial	309



1 O crepúsculo dos deuses

«Todo o mundo de deuses é seguido por um crepúsculo dos deuses»¹

Sossega, sossega, ó Deus!

Richard Wagner, *O Crepúsculo dos Deuses*

1

As pessoas instruídas dos nossos dias tão propensos ao esquecimento só recordam em parte o facto de os gregos da época clássica designarem os seres humanos por «mortais». Os seres humanos recebiam esse nome por serem concebidos como contraponto terreno dos deuses, aos quais se chamava os «imortais». De facto, a imortalidade era a única característica proeminente dos deuses gregos; quanto ao seu comportamento, com a sua excessiva humanidade, pouco se distinguia do dos humanos.

Depois de Paul Valéry, há cem anos, sob as convulsões da Primeira Guerra Mundial, ter elevado o atributo de «mortalidade» às altas culturas, assegurando que agora sabíamos que mesmo as grandes construções coletivas (*nous autres, civilisations*), integradas pela linguagem, pelo direito e pela divisão do trabalho,

¹ Gotthard Günther, «Seele und Maschine», em *Beiträge zur Grundlegung einer operationsfähigen Dialektik*, 1.º vol., Hamburgo, 1976, p. 79.

eram mortais, pode considerar-se um acaso feliz essa imensa frase ter deixado, aqui e ali, um engrama numa memória com o cunho da velha Europa. Com efeito, «nós, as civilizações» somos mortais e, depois de tudo o que se passou, deveríamos ter tido isto em atenção. O atributo de «mortalidade» já não deve ser atribuído apenas a Sócrates e outros semelhantes. Ele abandona o exercício silogístico e inunda um continente que não compreende a sua Grande Guerra. Não se trata apenas do facto de, num período de quatro anos, mais de nove milhões de homens terem sido enviados para o fogo da frente, conferindo a nova nota à mortalidade. O que é decisivo é o sem-número de caídos e de vítimas civis parecer resultar das tensões internas do próprio acontecer cultural. O que são as nações de cultura e o que significam as civilizações se permitem tais excessos de vítimas e de autossacrifícios, se, não só os permitem, mas os provocam devido aos seus impulsos mais específicos? O que denuncia este consumo maciço de vidas sobre o espírito da época industrial? O que significa esta nova falta de consideração sem precedentes pela existência individual? Na palavra «mortalidade», aplicada às civilizações, ressoa daí em diante a alusão a opções suicidas.

O *shock* do qual dá testemunho a nota de Valéry alcançava uma profundidade maior do que os seus contemporâneos podiam conceber. Desta vez, a intelecção da possibilidade de desmoronamento das civilizações não se referia a mundos distantes como Nínive, Babilónia ou Cartago, mas a grandes civilizações que se julgava conhecer de perto: França, Inglaterra, Rússia... nomes até à véspera ainda sonoros. Falava-se deles como de universais em forma de povos. Representavam a estabilidade supratemporal que de há muito se atribuía aos clãs e às suas associações em povos. Os clãs regiam-se desde sempre pela lei da ascendência. Encarnavam a continuidade, que flui através das gerações, por muito que os indivíduos vão e venham. E, segundo Valéry: «E agora vemos que o abismo da história é suficientemente grande para todos.»²

2 «*Nous autres, civilisations, nous savons maintenant que nous sommes mortelles[...]* Et nous voyons maintenant que l'abîme de l'histoire est assez grand pour tout le monde», Paul Valéry, *La Crise de l'Esprit*, Paris, 1919, reed. em: *Variété I*, Paris 1924; e agora em: *Œuvres I*, Paris, Ed. de la Pléiade, p. 988.

O ocaso da civilização começa no momento em que os habitantes do grande recetáculo cultural são assaltados pela suspeita de que nem sequer os sistemas humanos mais sólidos do presente estão construídos para a eternidade. Estão submetidos a uma fragilidade, a que também se chama «historicidade». Para as civilizações, a historicidade representa o que a mortalidade é para os indivíduos. Na filosofia do século xx, chamou-se a isto, em relação aos indivíduos, o ser-para-a-morte. No caso das culturas, designa-se por consciência histórica.

Regra geral, os membros das nações historicamente movidas não dão atenção ao facto de os seus historiadores serem ao mesmo tempo os seus tanatólogos. Devido à profissão que exercem, os tanatólogos são os melhores teólogos. Apoiando-se num ponto de partida local, adotam antecipadamente o ponto de vista de Deus no fim do mundo e no fim da vida. Em geral, os historiadores não sabem que, ao recordar começos precoces, também estão a exercitar, de uma forma indireta, a perspetiva do fim.

Do ponto de vista de Deus, a história não é mais do que o processo de transferir o que ainda-não-foi para o que foi. Só quando todo o ser tiver chegado ao ter sido o «Deus omnisciente»³ da metafísica clássica terá alcançado a meta. Só quando for certo que já não se vai passar nada de novo Deus poderá pôr de parte o atributo, a princípio fascinante, mas mais tarde comprometedor, da «omnipotência», que se tinha tornado cada vez mais incómodo e supérfluo. No verdadeiro fim da história, não há nada para criar nem nada para manter. Tudo o que há existe em nome do que por fim será. O dossiê da criação fecha-se. O Deus-Fim envolve-se no manto da omnisciência: mal o saber, que se tornou total, deixa de ter de assegurar novas tarefas em nome da criatividade (ou do «acontecer»), Deus abrange com a vista o universo na sua totalidade. Contempla serenamente através de tudo o que foi.

A antiga tradição europeia designa por «apocalipse» o momento dessa contemplação retrospectiva abrangente. Em sentido estrito,

3 Ver Raffaele Pettazzoni, *Der allwissende Gott. Zur Geschichte der Gottesidee*, Francoforte e Hamburgo, 1960.

isto quer dizer a revelação de todas as coisas a partir do fim. Quando tudo está terminado, tudo se torna transparente. As chamadas «revelações», de que dispõem os observadores mortais em algumas altas culturas sob a forma de «textos sagrados», são, por assim dizer, perspectivas da imobilidade do além, fixadas por escrito a meio do caminho. Testemunham que nas grandes religiões nada funciona sem precipitação. Esta aceleração⁴ está sujeita ao esquema temporal da fé impaciente: agora já, mas a sério! Porém, em geral, os apocalipses religiosos não tratam das «últimas coisas» reais, mas deleitam-se com a descrição de tumultos anteriores ao advento da grande tranquilidade.

Quem aceita essas mensagens como verdade pode imaginar-se a participar de forma antecipada na visão de conjunto do fim dos tempos. As esferas dessas representações chamam-se «mundos de fé». São criadas a fim de colmatar o fosso entre o tempo presente e a eternidade. No entanto, o crente continua sujeito à lei de fazer o seu caminho no provisório. Sabe que só pode alcançar Deus atingindo na morte o mesmo nível ontológico que Ele. Isto é tão válido na antiga Índia como na velha Europa e não o é menos para os domínios do Islão.

Chamava-se místicos àqueles grupos de crentes que estavam convencidos de poder solucionar *media in vita* a tarefa aparentemente impossível de alcançar Deus. Graças aos seus esforços, a transcendência não permaneceu uma palavra vazia. Estes virtuosos da autoabdicação procuravam renunciar a qualquer vida separada de Deus. Deste modo, alimentavam a ideia de já aqui terem entrado no além. De facto, morrer significa entregar a alma — como tão bem representa do ponto de vista metafísico a expressão francesa *rendre l'âme* (entregar a alma). Mas só quando tudo está de facto morto — quer antecipadamente, quer na altura adequada ou inadequada — tudo o que estava destinado à existência será libertado da coação do devir e da inovação. Se tivéssemos de dizer numa frase o que a metafísica clássica tinha em mente, esta seria:

4 Ver Peter Sloterdijk, *A Loucura de Deus. Do Combate dos Três Monoteísmos*, Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

quis convencer o «mundo» a participar na imobilidade da onisciência de Deus. Para isso serviram, entre outras coisas, as doutrinas estoicas e cristãs da providência (*pronoia, providentia*), que deviam proteger, para o futuro, o flanco desprotegido de Deus.

O mundo moderno existe por essa tentativa de conversão ter fracassado. A modernidade deve atribuir-se a quem rejeita a ideia de um esvaziamento total do futuro no passado e opta pela inesgotabilidade do futuro, ainda que essa escolha exclua a possibilidade de um Deus onisciente, de um Deus que, «no final dos tempos», se inclina para trás, numa retrospectiva abrangente da criação.

O «mundo» — e que, durante muito tempo, «mundo» foi uma palavra injuriosa cristã sabia-o Nietzsche melhor do que ninguém⁵ — opunha-se ao convite a esvaziar o futuro no ser-passado total porque renegava a primazia ontológica do passado. Opunha-se porque, em luta consigo mesmo, graças a um esforço autodidata de coerência admirável, aprendeu a conceder ao tempo o que lhe era devido. Ironicamente, este novo empenho numa compreensão mais profunda do tempo teve lugar precisamente em solo europeu, a pátria da resoluta metafísica da imobilidade e do apocaliptismo convulsivo. A abertura fundamental do futuro foi captada de forma apropriada pela primeira vez no pensamento filosófico da Modernidade. No ponto de encontro da vontade e da representação, o mundo assume a forma de um projeto e de um empreendimento. Nem os comerciantes nem os navegadores são os responsáveis pela reforma do mundo em conjuntos de projetos, mas sim os pensadores, que anularam a paralisia metafísica do futuro. Por isso a figuras como Schelling, Hegel, Bergson, Heidegger, Bloch e Günther, e talvez também já a Nicolau de Cusa, cabem lugares de destaque no panteão da filosofia «contemporânea». Estes autores foram os primeiros a porem termo à expulsão do tempo e da novidade do ser. Fizeram explodir o in-

5 Friedrich Nietzsche, epílogo de «Der Fall Wagner», em *Kritische Studienausgabe*, vol. 6, p. 51.